

Proslógio

Santo Anselmo de Cantuária

1033 - 1109

Proêmio

Mal acabei de escrever um opúsculo [o Monólogo], acendendo aos pedidos de alguns irmãos, o qual servisse como exemplo de meditação sobre os mistérios da fé para um homem que busca, em silêncio, descobrir, através da razão, o que ignora, e dei-me conta de que essa obra era difícil de ser entendida devido ao entrelaçamento das muitas argumentações. Então comecei a pensar comigo mesmo se não seria possível encontrar um único argumento que, válido em si e por si, sem nenhum outro, permitisse demonstrar que Deus existe verdadeiramente e que ele é o bem supremo, não necessitando de coisa alguma, quando, ao contrário, todos os outros seres precisam dele para existirem e serem bons. Um argumento suficiente, em suma, para oferecer provas adequadas sobre aquilo que cremos acerca da substância divina.

Ao dirigir com zelo e freqüência o pensamento para esse fim, às vezes parecia-me ter alcançado o objetivo; outras, tinha a impressão que se me embaciava a mente. Por fim, desanimado, procurei deixar de lado a tarefa, julgando impossível conseguir o que buscava. Mas, por mais que me esforçasse por afugentar o propósito, porque me afastava de outras ocupações profícuas, ele voltava a mim com insistência crescente. No entanto, um dia, quando já estava cansado de resistir a essa perseguição inoportuna, justamente no calor do conflito dos meus pensamentos, eis que se me apresenta a idéia que já desesperara de encontrar. Acolhi-a com tanto entusiasmo quanto empenho colocara em rechaçá-la.

Considerando que se ela fosse fixada por escrito poderia constituir um prazer para quem a lesse, assim como deu a mim uma alegria imensa quando a encontrei, redigi este opúsculo como uma pessoa que se esforçasse para elevar a sua mente até a contemplação de Deus, a fim de compreender aquilo em que acredita.

Como nem este opúsculo nem outro recordado acima pareceram-me dignos de serem chamados de livros, nem se me apresentavam tão importantes para propor-lhes o nome do autor, e, entretanto, fazia-se necessário atribuir-lhes um título que convidasse a lê-los todos aqueles em cujas mãos caíssem, dei a cada um deles uma denominação: chamei o primeiro de *Exemplo de Meditação sobre o Fundamento Racional da Fé*, e o segundo: *A Fé Buscando Apoiar-se na Razão*.

Já muitos os tinham transscrito com esses títulos, quando varias pessoas, entre elas o reverendíssimo arcebispo de Lyon, Hugo, legado apostólico, que usou de sua autoridade, obrigaram-me a pôr, em cada um deles, o meu nome. E para tornar a coisa mais fácil, intitulei um *Monólogo*, isto é, Solilóquio, e outro, *Proslólogo*, ou Meditação.

Capítulo I

Exortação à contemplação de Deus

Eia, vamos homem! Foge por um pouco às tuas ocupações, esconde-te dos teus pensamentos tumultuados, afasta as tuas graves preocupações e deixa de lado as tuas trabalhosas inquietudes. Busca, por um momento, a Deus, e descansa um pouco nele. Entra no esconderijo da tua mente, aparta-te de tudo, exceto de Deus e daquilo que pode levar-te a ele, e, fechada a porta, procura-o. Abre a ele todo o teu coração e dize-lhe: “Quero teu rosto; busco com ardor teu rosto, ó Senhor.”

Eis-me, ó Senhor meu Deus, ensina, agora, ao meu coração onde e como procurar-te, onde e como encontrar-te. Senhor, se não estás aqui, na minha mente; se estás ausente, onde poderei encontrar-te? Se tu estás por toda parte, por que não te vejo aqui? Certamente habitas uma luz inacessível. Mas onde está essa luz inacessível? E como chegar a ela? Quem me levará até lá e me introduzirá nessa morada cheia de luz para que ali possa enxergar-te? Mas por quais traços e por que aspecto conseguirei reconhecer-te? Nunca te vi, ó Senhor meu Deus. Senhor, eu não conheço o teu rosto. Que fará, ó Senhor, que fará este teu servo tão afastado de ti? Que fará este teu servo tão ansioso pelo teu amor e, no entanto, lançado tão longe de ti? Anela ver-te, mas teu rosto está demasiado longe dele. Deseja aproximar-se de ti, mas a tua habitação fica inacessível. Arde pelo desejo de encontrar-te e não sabe onde moras. Suspira só por ti e não conhece o teu rosto. O Senhor, tu és o meu Deus e o meu Senhor; e nunca te vi. Tu me fizeste e resgataste, e tudo o que tenho de bom devo-o a ti. No entanto, não te conheço ainda. Fui criado para ver-te e até agora não consegui aquilo para que fui criado.

Oh! Quão miserável é a sorte do homem que perdeu aquilo por que foi feito! Oh! Quão dura e cruel aquela queda, pela qual tantas coisas ele perdeu! E que encontrou? Que teve em troca? Que lhe ficou? Perdeu a felicidade para a qual foi criado e encontrou a miséria para a qual certamente não foi feito. Afastou-se daquele sem o qual não há felicidade e ficou com aquilo que é, por si, mísero e caduco. Antes o homem alimentava-se com o pão dos anjos e agora, faminto, come o pão da dor, que sequer conhecia. Oh! Luto comum dos homens, pranto universal dos filhos de Adão! Este tinha fartura de tudo e nós morremos de fome. Ele era rico e nós somos mendigos. Ele tinha a felicidade e a perdeu miseravelmente, e nós vivemos infelizes, tudo

desejando e, indigentes, ficamos e mãos vazias! Por que ele, desde que o podia facilmente, não nos conservou um bem tão grande, cuja perda havia de nos acarretar tantas aflições? Por que nos tirou a luz para que ficássemos nas trevas? Por que nos privou da vida para nos condenar à morte? Miseráveis!, de onde fomos expulsos e para onde fomos impelidos! De onde fomos arremessados e em que abismo fomos sepultados? Passamos da pátria para o desterro, da visão de Deus para a nossa cegueira, da alegria pela imortalidade para o horror da morte! Que mudança funesta! De tão grande bem para tão grande mal! Perda lastimável, dor profunda, terrível fardo de misérias.

Mas, ai de mim, que sou um dos miseráveis filhos de Eva afastados de Deus! Que procurei empreender? O que consegui efetuar? Para onde procurava ir? Aonde cheguei? A que aspirava? Por que suspiro? Procurava a felicidade e eis me encontro na perturbação! Dirigia-me a Deus e incidi em mim mesmo. Buscava o descanso no segredo da minha mente e encontro, em meu íntimo, apenas tribulação e dor. Queria alegrar-me com toda a alegria da minha alma e vejo-me obrigado a gemer com os gemidos do meu coração. Esperava a felicidade e nada mais achei que a multiplicação dos suspiros!

E tu, Senhor, até quando, até quando, ó Senhor, ficarás esquecido de nós? Até quando conservarás o teu rosto afastado de nós? Quando iluminarás os nossos olhos e nos mostrará o teu rosto? Quando reverterás a nós? Olha para nós, ó Senhor; escuta-nos, ilumina os nossos olhos, mostra-te a nós. Volta para junto de nós a fim de termos, novamente, a felicidade, pois, sem ti, só há dores para nós. Tem piedade de nosso sofrimento e esforços para chegar a ti, pois, sem ti, nada podemos. Convida-nos, ajuda-nos, Senhor; rogo-te que o meu desespero não destrua este meu suspirar por ti, mas respire dilatando meu coração na esperança. Rogo-te, ó Senhor, console o meu coração amargurado pela desolação. Suplico-te, ó Senhor, não me deixes insatisfeito após começar a tua procura com tanta fome de ti. Famélico, dirigi-me a ti; não permitas que volte em jejum. Pobre e miserável que sou, fui em busca do rico e do misericordioso: não permitas que retorne sem nada, e decepcionado. E se suspiro antes de comer, faze com que eu tenha a comida após os suspiros. Ó Senhor, encurvado como sou, nem posso ver senão a terra; ergue-me, pois, para que possa fixar com os olhos o alto. As minhas iniquidades elevaram-se por cima da minha cabeça, rodeiam-me por toda parte e oprimem-me como um fardo pesado. Livra-me delas, alivia-me desse peso para que não fique encerrado como num poço. Seja-me

permitido enxergar a tua luz embora de tão longe e desta profundidade. Ensina-me como procurar-te e mostra-te a mim que te procuro; pois, sequer posso procurar-te se não me ensinas a maneira, nem encontrar-te se não te mostrares. Que eu possa procurar-te desejando-te, e desejar-te ao procurar-te, e encontrar-te amando-te e amar-te ao encontrar-te.

Ó Senhor, reconheço, e rendo-te graças por ter criado em mim esta tua imagem a fim de que, ao recordar-me de ti, eu pense em ti e te ame. Mas, ela está tão apagada em minha mente por causa dos vícios, tão embaciada pela névoa dos pecados, que não consegue alcançar o fim para o qual a fizeste, caso tu não a renoves e a reformes. Não tento, ó Senhor, penetrar a tua profundidade: de maneira alguma a minha inteligência amolda-se a ela, mas desejo, ao menos, compreender a tua verdade, que o meu coração crê e ama. Com efeito, não busco compreender para crer, mas creio para compreender. Efetivamente creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender.

Capítulo II

Que Deus existe verdadeiramente

Então, ó Senhor, tu que nos concedeste a razão em defesa da fé, faze com que eu conheça, até quanto me é possível, que tu existes assim como acreditamos, e que és aquilo que acreditamos. Cremos, pois, com firmeza, que tu és um ser do qual não é possível pensar nada maior. Ou será que um ser assim não existe porque “o insipiente disse, em seu coração: Deus não existe”? [Sl 13,1] Porém, o insipiente, quando eu digo: “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, ouve o que digo e o comprehende. Ora, aquilo que ele comprehende se encontra em sua inteligência, ainda que possa não comprehender que existe realmente. Na verdade, ter a idéia de um objeto qualquer na inteligência, e comprehender que existe realmente, são coisas distintas. Um pintor, por exemplo, ao imaginar a obra que vai fazer, sem dúvida, a possui em sua inteligência; porém, nada comprehende da existência real da mesma, porque ainda não a executou. Quando, ao contrário, a tiver pintado, não a possuirá apenas na mente, mas também lhe comprehenderá a existência, porque já a executou. O insipiente há de convir igualmente que existe na sua inteligência “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, porque ouve e comprehende essa frase; e tudo aquilo que se comprehende encontra-se na inteligência.

Mas “o ser do qual não é possível pensar nada maior” não pode existir somente na inteligência. Se, pois, existisse apenas na inteligência, poder-se-ia pensar que há outro ser existente também na realidade; e que seria maior.

Se, portanto, “o ser do qual não é possível pensar nada maior” existisse somente na inteligência, este mesmo ser, do qual não se pode pensar nada maior, tornar-se-ia o ser do qual é possível, ao contrário, pensar algo maior: o que, certamente, é absurdo.

Logo, “o ser do qual não se pode pensar nada maior” existe, sem dúvida, na inteligência e na realidade.

Capítulo III

Que não é possível pensar que Deus não existe

O que acabamos de dizer é tão verdadeiro que nem é possível sequer pensar que Deus não existe.

Com efeito, pode-se pensar na existência de um ser que não admite ser pensado como não existente. Ora, aquilo que *não pode* ser pensado como não existente, sem dúvida, é maior que aquilo que *pode* ser pensado como não existente. Por isso, “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, se se admitisse ser pensado como não existente, ele mesmo, que é “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, não seria “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, o que é ilógico.

Existe, portanto, verdadeiramente “o ser do qual não é possível pensar nada maior”; e existe de tal forma, que nem sequer é admitido pensá-lo como não existente. E esse ser, ó Senhor, nosso Deus, és tu.

Assim, tu existes, ó Senhor, meu Deus, e de tal forma existes que nem é possível pensar-te não existente. E com razão. Se a mente humana conseguisse conceber algo maior que tu, a criatura elevar-se-ia acima do Criador e formularia um juízo acerca do Criador. Coisa extremamente absurda.

E, enquanto tudo, excluindo a ti, pode ser pensado como não existente, tu és o único, ao contrário, que existes realmente, entre todas as coisas, e em sumo grau. Então, por que o insipiente disse em seu coração: “Não existe Deus”, quando é tão evidente, à razão humana, que tu existes com maior certeza que todas as coisas? Justamente porque ele é insensato e carente de raciocínio.

Capítulo IV

Que o insipiente disse em seu coração aquilo que é impossível pensar

Mas como o insipiente pôde dizer, em seu coração, aquilo que nem sequer é possível pensar? Ou como pôde pensar aquilo em seu coração, quando “dizer no coração” nada mais é do que pensar? Se, verdadeiramente, ele disse isso em seu coração, na verdade, também, o pensou. Mas, na verdade, ele não disse isso em seu coração, porque, justamente, não podia pensá-lo.

Com efeito, pode-se pensar, ou dizer no coração, uma coisa de duas maneiras: pensando na palavra que expressa a coisa, ou compreendendo a própria coisa. No primeiro sentido, é possível pensar que Deus não existe; no segundo, não. Quem, por exemplo, comprehende o que são a água e o fogo, sem dúvida, não pode pensar que os dois elementos sejam realmente a mesma coisa. Entretanto, se pensar apenas nas palavras *água* e *fogo*, pode imaginar as duas coisas como idênticas. Assim, quem comprehende o que Deus é, certamente, não pode pensar que ele não existe, mas o poderia, se repetisse na mente apenas a palavra *Deus*, sem atribuir-lhe nenhum significado, ou significando coisa completamente diferente.

Deus, porém, é “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, e quem comprehende bem isso sem dúvida comprehende, também, que Deus é um ser que não pode encontrar-se no pensamento. Quem, portanto, comprehende que Deus é assim, não consegue sequer imaginar que ele não exista.

Obrigado, meu Deus. Agradeço-te, meu Deus, por ter-me permitido ver, iluminado por ti, com a luz da razão, aquilo em que, antes, acreditava pelo dom da fé que me deste. Assim, agora, encontro-me na condição em que, ainda que não quisesse crer na tua existência, seria obrigado a admitir racionalmente que tu existes.

Capítulo V

Que Deus é tudo aquilo que é melhor que exista do que não existe, e que é o único existente por si mesmo, tendo feito todas as outras coisas do nada

Portanto, o que és tu, ó Senhor, Deus meu, tu de quem não é possível pensar nada maior? Mas, quem poderia ser, senão aquele que – supremo entre todas as coisas, único existente por si mesmo – criou tudo do nada?

Com efeito, o que não é tudo isso é inferior àquilo que o pensamento pode compreender no seu mais alto grau. Mas isto não pode ser pensado de ti.

Que tipo de bem poderia faltar, então, ao bem supremo, donde deriva toda espécie de bem? És, portanto, justo, verdadeiro, feliz e tudo aquilo que é de melhor que exista do que não exista. De fato, é melhor ser justo do que não ser justo, ser feliz do que não ser feliz.

Capítulo VI

Como Deus é sensível embora não seja corpo

Sem dúvida, é melhor ser sensível, onipotente, misericordioso, impassível do que não sê-lo. E tu és tudo isso. Mas, poderás ser sensível sem ser corpo? Onipotente sem poder tudo? Simultaneamente misericordioso e impassível? Com efeito, se apenas os corpos são sensíveis porque os sentidos estendem-se pelo corpo e encontram-se dentro do corpo, como poderá acontecer que sejas sensível tu, que não és corpo e, sim, Espírito supremo, o que é melhor do que ser corpo?

A coisa explica-se porque sentir é conhecer, ou tendência ao conhecer, e aquele que sente conhece segundo a propriedade dos sentidos, como, por exemplo, as cores pela vista, os sabores pelo gosto, etc. Não é, portanto, errado dizer que quem, de alguma maneira, conhece, sente.

Portanto, ó Senhor, embora não sejas corpo, és, todavia, sumamente sensível, do mesmo modo que conheces profundamente todas as coisas; não, porém, segundo a pura sensação corpórea do ser animal.

Capítulo VII

Como é onipotente embora muitas coisas lhe sejam impossíveis

Mas como poderás ser onipotente se tu não podes tudo? Como poderás ser onipotente desde que não é possível a ti nem morrer, nem mentir, nem fazer com que o verdadeiro se transforme em falso? Salvo se poder fazer coisas desta espécie não é potência, mas verdadeira impotência, pois, quem pode fazer coisas assim, tem a possibilidade de fazer, evidentemente, coisas funestas e contrárias ao dever e, quanto mais tiver poder para fazê-las, tanto mais o mal e a perversidade adquirem força sobre ele e tanto menos ele consegue resistir-lhes. Quem tem, portanto, semelhante faculdade não possui o poder, mas o não-poder. De fato, acontece dizermos que uma pessoa “pode” não porque, na realidade, tenha poder, mas para significar que o seu não-poder permite a outros ter poder sobre ela, usando, assim, impropriamente o verbo poder, como muitas vezes, ao falarmos, empregamos expressões impróprias, e dizemos, por exemplo, “ser” por “não-ser”, e “fazer” em lugar de “não fazer” ou “nada fazer”. Por isso, acontece que, a uma pessoa que nega alguma coisa, respondemos: “Sim, como tu dizes”, quando deveríamos ter dito: “Não; justamente como falas”. Da mesma maneira dizemos: “Esse homem senta-se como faz aquele”, ou: “Esse descansa como faz aquele outro”, e, no entanto, por sentar-se, entendemos não fazer uma coisa e, por descansar, não fazer nada. Desta maneira, quando se diz de alguém que tem o poder de fazer ou sofrer algo, pernicioso para ele ou que não deve fazer, a palavra *poder*, na verdade, significa impotência, porque quanto maior ele possui desse tipo de poder, tanto mais poderosas se tornarão sobre ele a adversidade e a perversidade, e ele, mais fraco contra elas.

Portanto, Senhor meu Deus, tu és onipotente no sentido mais verdadeiro e próprio, pois nada tu podes por impotência e nada há que possa prevalecer contra ti.

Capítulo VIII

Como é misericordioso e impassível

Mas, ainda, como poderás tu, Senhor, ser ao mesmo tempo misericordioso e impassível? Com efeito, se és impassível, não podes compadecer-te; e se não te compadeces, não tens coração misericordioso para com o miserável, coisa em que consiste ser misericordioso. E se não és misericordioso, de onde vem tenta consolação a nós, miseráveis?

Mas será que tu és misericordioso, ó Senhor, e não misericordioso, ao mesmo tempo? Misericordioso para conosco e impassível para contigo mesmo? Realmente, és misericordioso por compadecer-te dos nossos sofrimentos, não por experimentá-los. De fato, quando tu diriges os teus olhos para nós, os miseráveis, percebemos o efeito da tua misericórdia e tu, entretanto, não experimentas o efeito da compaixão.

Assim, tu és misericordioso porque salvas os miseráveis e perdoas aos pecadores, mas não és misericordioso no sentido em que tu possas ser afetado por alguma espécie de compaixão.

Capítulo IX

Como, embora absoluta e soberanamente justo, ele perdoa aos pecadores e tem misericórdia deles com justiça

Mas se tu és absoluta e soberanamente justo, ó Senhor, como podes perdoar aos maus? Como podes tu, suma e plenamente justo, cometer uma injustiça? Mas que tipo de justiça é, pois, essa de conceder a vida eterna a quem, ao contrário, merece a morte eterna? Por que, então, ó Deus bom – bom para os bons e para os maus –, por que salvas os maus, se isto não é justo? E tu não podes cometer injustiça! Será que isso fica para nós oculto na luz inacessível que tu habitas, pois a tua bondade é para nós incompreensível?

Realmente no profundíssimo segredo da tua bondade é que se encontra a nascente donde mana o rio da tua misericórdia. Apesar de tu seres absoluta e supremamente justo, também és benigno com os maus, justamente porque és total e supremamente bom. Serias, pois, menos justo, se não fosses benigno com os maus. De fato, é assaz mais justo aquele que é bom para com os bons e com os maus do que aquele que é bom apenas com os bons. E aquele que é bom, punindo e perdoando aos maus, é melhor que quem os pune apenas.

És, portanto, certamente misericordioso porque és total e supremamente bom. E como é evidente, por outra parte, o motivo por que tu distribuis o bem aos bons e o castigo aos maus, no entanto, torna-se para nós estranho e surpreendente que tu, completa e supremamente justo, sem precisar de nada, concedas os teus bens igualmente aos maus e aos ruins.

Oh! a imensidão da tua bondade, Senhor! Vemos donde brota a tua misericórdia, mas nossa visão não consegue ir mais além! Enxergamos donde mana o rio e não conseguimos divisar a nascente. Tu és, pois, misericordioso para com os pecadores devido à plenitude da tua bondade, todavia, permanece, para nós, escondida, na profundez da tua bondade, a razão por que és misericordioso.

Quando tu distribuis o prêmio aos bons e o castigo aos maus, parece que tu estás seguindo a lei da justiça; porém, quando dispensas aos maus os teus bens, porque assim o exige a tua suprema bondade, torna-se estranho que um ser, sumamente justo, como és tu, possa ter desejado isso. Oh! misericórdia, com que abundante suavidade e

com que suave abundância chegas até nós. Oh! imensa bondade de Deus, com que grande amor os pecadores devem amar-te!

Com efeito, tu, Deus, salvas os justos com justiça e liberas os pecadores ainda quando a justiça os condena. Uns devem a sua salvação aos seus merecimentos, e outros a conseguem apesar das suas faltas. É porque nos primeiros tu reconheces o bem que lhes doaste e nos segundos perdoas o mal que odeias. Ó bondade imensa, que tanto excedes toda inteligência, faze com que recaia sobre mim a tua misericórdia, que procede de tão imensa riqueza! Que penetre em mim o que emana de ti: que a tua clemência me perdoe; e não te vingues segundo a justiça!

Embora, portanto, seja difícil compreender como a tua misericórdia possa separar-se da tua justiça, vemo-nos, todavia, obrigados a crer que o que emana da tua bondade nunca conflita com a justiça, que nunca se separa da tua bondade, mas com ela está sempre unida. Então, se tu és misericordioso porque és sumamente bom, e és sumamente bom porque sumamente justo, deve-se admitir que és verdadeiramente misericordioso porque és sumamente justo.

Ajuda-me, ó Deus, justo e misericordioso. Ajuda-me, pois busco a tua luz. Ajuda-me para que comprehenda plenamente aquilo que digo.

Tu és verdadeiramente misericordioso porque és justo. Então a tua misericórdia nasce da tua justiça? Ou será por causa da tua própria justiça que perdoas aos pecadores? Se for assim, ó Senhor, ensina-me como isso possa acontecer. Ou será, talvez, pelo fato de que é justo que tu sejas tão bom até o ponto de que não possas ser concebido melhor e, também, justo que operes com um poder tão grande para que não possas ser pensado mais poderoso? Haveria algo mais justo que isso? Certamente isso não aconteceria se a tua bondade consistisse apenas em premiar e não, ainda, em perdoar, e se tu tornasse bons somente os bons e não, também, os maus. É, pois, por este motivo que és justo que perdoes aos pecadores e que tornes bons também os maus.

Finalmente: aquilo que é feito sem seguir a justiça não deve ser feito; e o que não deve ser feito [se for feito] é contra a justiça. Se tu, portanto, te compadecesses dos maus, contra a justiça, é claro que não o devias fazer; e se tu não devesses ter misericórdia deles [e se a tivesses], tu serias misericordioso injustamente.

Ora, um raciocínio dessa espécie é falso; porém, é lícito crer que tu te compadeças dos maus sem ferir a justiça.

Capítulo X

Como castiga com justiça e como, com justiça também, perdoa aos maus

Entretanto, é justo, também, que tu castigues os maus. Haverá, pois, algo mais justo do que os bons receberem o bem e os maus o castigo? Como, então, pode ser justo ao mesmo tempo que tu castigues os maus e lhes perdoes? Ou será que, sob certo aspecto, tu castigas os maus com justiça e, sob outro, lhes perdoas, igualmente, com justiça? Com efeito, é justo que tu castigues os maus, pois o mereceram; mas é, também, justo que lhes perdoes, não em virtude dos méritos, que não têm, e, sim, porque isso condiz com a tua bondade. Ao perdoares aos maus, tu és justo em relação a ti mesmo, não a nós, assim como és misericordioso em relação a nós, e não a ti.

Com efeito, ao salvar-nos, quando, com toda justiça, poderias nos condenar, és misericordioso, não porque tu experimentas um afeto, coisa esta estranha à tua natureza, mas para que nós percebamos o efeito da tua bondade. Da mesma maneira és justo não porque tu tenhas obrigações para conosco por alguma dívida, mas porque tu operas em virtude daquilo que é condizente com a tua bondade suprema.

Desta forma, portanto, não há contradição em dizer que tu castigas e perdoas sempre com justiça.

Capítulo XI

Como “todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade”, e como “o Senhor é justo em todos os seus caminhos”

E não seria justo, inclusive, em relação a ti, ó Senhor, que tu punisses os maus? Entretanto, é justo que tu sejas assim para que ninguém possa pensar num ser mais justo do que tu. Seria, porém, possível isso se tu concedesses a recompensa apenas aos bons e desses o castigo aos maus?

Contudo, é mais justo aquele que retribui aos bons e aos maus, e não somente aos bons, segundo os seus méritos. Portanto, tu és justo conforme a tua natureza, ó Deus justo e benigno, tanto ao castigar como ao perdoar. Realmente, pois, *todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade* [Sl 24,10] e, igualmente, *o Senhor é justo em todos os seus caminhos* [Sl 144,11]. Não há discordância certamente entre estas duas verdades, porque não é justo que sejam salvos os que tu queres punir, e não é justo que sejam condenados aqueles aos quais queres perdoar. Justo é somente aquilo que tu queres, e injusto, aquilo que tu não queres. É desta maneira, pois, que da tua justiça nasce a tua misericórdia, porque é justo que tu sejas de tal forma bom que, ainda quando perdoas, sejas bom. Por isso, sem dúvida, aquele que é sumamente justo pode querer o bem ainda para os maus.

Entretanto, se é possível compreender que tu possas querer salvar os maus, fica incompreensível que, entre seres igualmente maus, tu, pela tua suprema bondade, salves alguns e não outros, e, pela tua suprema justiça, castigues alguns e não outros.

Assim, portanto, tu és verdadeiramente sensível, onipotente, misericordioso e impassível como, também, és vivente, sábio, bom, feliz e eterno; em suma, tudo o que é melhor que exista do que não exista.

Capítulo XII

Que Deus é a própria vida que vive, e que se pode dizer outro tanto dos seus atributos

Mas tudo aquilo que tu és, certamente, és não por outro e, sim, por ti mesmo. Tu és, portanto, a vida mesma pela qual vives, a sabedoria pela qual és sábio, a bondade pela qual és bom para com os bons e os maus. E assim por diante.

Capítulo XIII

Como somente ele é ilimitado e eterno, embora haja outros espíritos que são ilimitados e eternos

Tudo aquilo que de alguma maneira está circunscrito pelo espaço e pelo tempo, sem dúvida, é menor que aquilo que não está submetido a nenhuma lei espacial e temporal. Como, porém, não há nada maior que tu, nenhum lugar ou tempo te circunscreve, porque estás por toda parte e sempre. Somente de ti é possível afirmar, de verdade, que és sem limites e eterno. Por que, então, há outros espíritos que são ditos ilimitados e eternos?

Na realidade, somente tu és eterno, porque, único entre todos, assim como não tiveste começo, também não terás fim. Mas como é possível que tu sejas o único a não ter limites? Talvez isto aconteça porque todo espírito criado, se comparado a ti, é limitado e, ao contrário, se comparado com o corpo é ilimitado? Com efeito, limitado é aquele ser que, em se encontrando completo num lugar, não pode contemporaneamente encontrar-se em outro; o que é próprio dos corpos. Ilimitado, ao invés, é aquele ser que, contemporaneamente, encontra-se, completo, por toda parte; e isto é próprio somente de ti. Limitado a ilimitado, ao mesmo tempo, é aquele ser que, embora se encontre completo num lugar, pode, contemporaneamente, encontrar-se completo em outro, porém, não por toda parte; e isto é próprio dos espíritos criados. Com efeito, se a alma não estivesse inteira em cada uma das partes do corpo, não sentiria, inteira, as impressões que recebe em cada uma delas.

Conseqüentemente, tu és, ó Senhor, o único ser ilimitado e eterno, embora haja outros espíritos também eternos e ilimitados.

Capítulo XIV

Como e por que Deus é visto e não é visto por aqueles que o buscam

Ó minha alma, encontraste o que procuravas? Buscas a Deus e encontraste que ele é o ser supremo do qual não é possível pensar nada melhor; que ele é a própria vida, é luz, sabedoria, bondade, felicidade eterna e eternidade feliz e que se encontra por toda parte e sempre.

Com efeito, se não encontraste ao teu Deus, como pode ser Deus este ser que encontraste? E como consegui entender, com tanta certeza e clareza, que aquele Ser é mesmo Deus? E, se verdadeiramente o encontraste. Por que não sentes dentro de ti então que o encontraste? Por que, ó Senhor, a minha alma não sente a tua presença, se te encontrou?

Ou será que ela não encontrou realmente a ti, ao descobrir que existe um Ser que é luz e verdade? Mas, como poderia ela compreender isso, a não ser pela tua luz e a tua verdade? Se, porém, viu a luz e a verdade, viu a ti; e, se não viu a ti, não viu nem a luz nem a verdade. Ou será que não eram a luz e a verdade o que viu e, portanto, ainda não viu a ti porque apenas entreviu a ti, de maneira limitada e não como és?

Ó Senhor, meu Deus, tu que me fizeste e me remiste, dize à minha alma, que anela por ti, o que tu és, caso não sejas aquilo que ela viu, a fim de que possa enxergar, claramente, aquilo que deseja com tanto ardor. Ela esforça-se para ver ainda mais, entretanto, não consegue vislumbrar nada, além do que já viu, a não ser trevas. Ou melhor: ela não vê trevas, pois em ti não há trevas, mas apercebe-se de que não pode ver mais além, por causa das suas próprias trevas.

Mas por que, ó Senhor, por que o olho da alma está embaciado? Por que está fraco e está obscurecido pelo teu esplendor? Sim, o seu olho está cegado por causa das suas próprias trevas e ofuscado pela tua luz. Cega-o seu curto alcance, e perde-se na tua imensidão; está encerrado em limites estreitos, subjugado pela tua grandeza ilimitada. Oh! quão grande é esta luz donde desponta e brilha toda a verdade, que resplandece aos olhos de alma dotada de razão! Quão imensa esta verdade em que se encontra tudo o que é verdadeiro, e, fora dela, não há senão o nada e a mentira! Quão imensa é ela, que, com um só

olhar, enxerga todas as coisas existentes, assim como o princípio, o poder e a maneira com que tudo foi feito do nada! Que pureza, que simplicidade, que limpidez, que brilho se encontram nela! Muito mais do que a criatura possa compreender.

Capítulo XV

Que ele é bastante maior que aquilo que se pode pensar

Portanto, ó Senhor, tu não és apenas aquilo de que não é possível pensar nada maior, mas és, também, tão grande que superas a nossa possibilidade de pensar-te.

Com efeito, supondo que fosse possível pensar que existe um ser dessa espécie, se tu não fosses esse ser, poder-se-ia pensar uma coisa maior que tu; o que é impossível.

Capítulo XVI

Que a luz em que habita é inacessível

É realmente inacessível a luz em que habitas, ó Senhor, e não há ninguém, exceto tu, que possa penetrá-la bastante para contemplar-te com clareza. Eu não vejo, sem dúvida, por causa do seu brilho, demasiado para os meus olhos, e, todavia, o que consigo ver, vejo-o através dela, da mesma maneira que o olho fraco do nosso corpo vê tudo aquilo que vê pela luz do sol, que, no entanto, não pode contemplar diretamente. A minha inteligência não consegue alcançar essa luz, porque difunde um esplendor demasiadamente vivo e que não tolera. O olho da minha alma não pode fitá-la por muito tempo, nem sustentar tão grande luminosidade: é, pois, ofuscado pela sua reverberação, vencido pela sua vastidão, turvado pela sua imensidade, confundido pela sua intensidade.

Ó luz suprema e inacessível; ó verdade profunda e bem-aventurada, como estás distante de mim, embora eu esteja tão perto de ti! Quão afastada te encontrais do meu olhar, quando eu estou continuamente presente ao teu! Tu estás presente, inteira, por toda parte e eu não te vejo! Movo-me em ti, estou em ti e não posso chegar até ti. Tu estás em mim, em torno de mim e eu não te sinto.

Capítulo XVII

Que em Deus se encontram a harmonia, o perfume, o sabor, a beleza, de maneira inefável e completamente própria

Tu, ó Senhor, te escondes da minha alma, encoberto pela tua luz e a tua felicidade e, por isso, ela está mergulhada nas trevas e na sua miséria.

Olha ao redor de si e não vê a tua beleza; escuta e não ouve a tua harmonia; aspira e não percebe o teu perfume; tem paladar e não consegue experimentar o sabor de ti. Toca e não percebe a suavidade da tua substância.

Sem dúvida, Ó Senhor meu Deus, tu tens todas essas qualidades de uma maneira inefável, e as doaste às tuas criaturas sob forma sensível; porém, os sentidos da minha alma endureceram, entibiaram e obstruíram-se pela languidez inveterada do pecado.

Capítulo XVIII

Como nem em Deus nem na sua eternidade, que é ele mesmo, há partes

Eis um novo motivo de perturbação; eis-me, de novo, na tristeza e no luto, eu que procuro a alegria e a felicidade! Já a minha alma pensava estar saciada e, de novo, eis que estou mergulhado na extrema miséria! Já estava prestes a saciar-me e eis que me sinto mais faminto que antes. Procurava elevar-me até a luz de Deus e eis-me caído, de novo, nas minhas trevas. Na verdade não caí nelas agora, porque já estava envolvido por elas. Sem dúvida, caíra nelas ainda antes que minha mãe me concebesse. Certamente fui concebido nelas e nasci enfaixado por elas. Todos nós, sem dúvida, caímos com Adão. Nele, todos pecamos; nele perdemos aquilo que ele recebeu com tanta facilidade e, todavia, perdeu com grande desgraça, sua e nossa; justamente aquilo que agora não encontramos mais, apesar das nossas buscas. Com efeito, quando o procuramos, não o encontramos e, se o encontramos, percebemos que não é aquilo que procurávamos.

Ajuda-me, bom Deus! *Ó Senhor, busquei o teu rosto; permite que o encontre, ó Senhor; não afaste de mim o teu rosto* [Sl 26,13 e 14]. Tira-me do abismo em que estou e eleva-me a ti. Purifica, cura, aguça, ilumina o olho da minha alma para que possa, finalmente, contemplar-te. Que a minha alma possa reunir todas as suas forças e que, com o ardor da sua inteligência, se dirija a ti, meu Senhor.

Quem és, ó Senhor, quem és? Como o meu coração poderá compreender-te? Não resta dúvida que és a vida, a sabedoria, a verdade, a bondade, a felicidade, a eternidade e tudo aquilo que constitui o verdadeiro bem. Mas esses atributos são numerosos e a minha angusta inteligência não pode captá-los todos em um único ato de pensamento para receber deleite deles, de uma só vez.

Mas como podes, ó Senhor, ser todas essas coisas? Ou elas, quiçá, são partes de ti, ou cada uma já é tudo aquilo que tu és? Mas aquilo que tem partes não é uno, e sim, composto e distinto de si mesmo e pode-se fracionar, ou na realidade ou pelo ato do pensamento. Porém isso não se pode afirmar de ti, que és o ser do qual não se pode pensar nenhuma coisa melhor. Não existem, portanto, partes em ti, ó Senhor. Tu não és múltiplo; és uno e idêntico a ti e de maneira alguma há diferenças em ti. Aliás, tu és a unidade absoluta,

aquela que nem o pensamento consegue fracionar. Por isso, a vida, a sabedoria e todas as outras qualidades não são, em ti, partes, mas todas formam uma unidade indivisível, e cada uma delas é o que tu és e, ao mesmo tempo, o que são as outras todas.

Portanto, tu não tens partes, e a tua eternidade – pois se identifica contigo – não é parte de ti, nem da tua eternidade.

Tu estás inteiro por toda parte e a tua eternidade é inteira e imperecível.

Capítulo XIX

Que Deus não está em lugar nenhum, nem no tempo: e tudo está em Deus

Mas se tu, por tua eternidade, foste, és e serás, e se ter sido não é vir-a-ser, de que maneira a tua eternidade pode existir sempre inteira? Ou, quiçá, nada da tua eternidade tenha passado de modo a não existir mais, nem algo haja que está para formar-se, como se ainda não tivesse existência?

Portanto, não existe ontem, nem existe hoje, nem existirás amanhã, porque ontem, hoje e amanhã tu *existes*; mas não se deve dizer “ontem, hoje e amanhã” e, sim, simplesmente: *existes*; e fora de qualquer tempo. Ontem, hoje, amanhã só existem no tempo e tu, ao contrário, embora nada haja sem ti, tu não estás, entretanto, em lugar e tempo nenhum; e tudo encontra-se em ti, pois nada pode abranger-te e todavia, tu abranges todas as coisas.

Capítulo XX

Que Deus existe antes e depois de todas as coisas, ainda que sejam eternas

Tu, portanto, preenches e abranges todas as coisas existentes, pois tu existes antes e depois delas. Existes antes, porque, antes que elas existissem, tu já eras. Mas, como pode ser que tu existas “depois” de todas as coisas? Como poderás existir “depois” daquelas coisas que não terão fim? Talvez isso aconteça porque elas não podem existir sem ti, e tu não serias minimamente diminuído se todas as coisas voltassem de novo ao nada? Ou será que tu és posterior a elas porque é possível pensar delas que terão um fim, enquanto de ti não é possível sequer imaginar isso?

Com efeito, nesse sentido, todas as coisas, de alguma maneira, têm fim; mas tu, nem desta maneira. E certamente aquilo que não tem fim existe ainda depois daquele que, de alguma maneira, termina. Ou será porque tu superas todas as realidades, ainda que eternas, pelo fato de que a tua eternidade e a delas são sempre e inteiramente presentes para ti, quando, ao contrário, elas, em sua eternidade, não possuem ainda aquilo que está para vir, nem aquilo que já passou? Certamente tu existirás sempre depois delas porque tu estás sempre presente nelas e porque está sempre presente diante de ti aquilo a que elas ainda não conseguiram chegar.

Capítulo XXI

Se essa eternidade é aquilo que expressamos com as palavras “século do século” ou “séculos dos séculos”

E será que essa eternidade é aquilo que denominamos “século do século” ou “séculos dos séculos”?

Com efeito, assim como o século, na sucessão do tempo, contém todas as coisas temporais, assim a tua eternidade contém todos os séculos da sucessão do tempo. E ela é chamada de “século” devido à sua unidade indivisível, e “séculos” porque a sua imensidão é interminável.

Embora tu, ó Senhor, sejas tão grande que tudo está repleto de ti e tudo está em ti, todavia, tu estás de tal maneira fora do espaço que não há em ti nem meio, nem metade, nem parte alguma.

Capítulo XXII

Que somente Deus é o que é; e ele é aquele que é

Somente tu, ó Senhor, és aquilo que és, e somente tu és aquele que és. Com efeito, o ser que não é o mesmo em sua totalidade e em suas partes, ou que está sujeito nalgum ponto a variações, esse, certamente, não é aquilo que é. Assim, também, todas as coisas que tiveram início, porque antes não existiam, podem ser pensadas como não existentes, e se não forem mantidas na existência por meio de outro, voltam ao nada. E tudo aquilo, cujo passado não existe mais e cujo futuro ainda não é, não existe em sentido próprio e absoluto. Tu, ao contrário, és verdadeiramente aquilo que és porque tudo aquilo que tu és, ainda que apenas uma vez e de alguma maneira, continuas sendo completamente e sempre. Tu existes verdadeira e simplesmente porque não tens passado nem futuro, mas unicamente presente e não se pode supor, sequer por um momento, que tu não existas. Tu és a vida, a luz, a sabedoria, a felicidade, a eternidade e tantos outros bens parecidos; e, entretanto, não és senão um bem único e supremo, completamente suficiente para ti próprio, sem carecer de nada, quando todas as demais coisas, ao contrário, precisam de ti por causa daquela parte de existência e de perfeição de que gozam.

Capítulo XXIII

Que esse Bem é, ao mesmo tempo, e igualmente, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e que necessariamente, os três são uma unidade que é total e sumamente o bem

Esse Bem supremo és tu, Deus Pai; e esse Bem supremo é o teu Verbo, isto é, o teu Filho, porque no Verbo, por meio do qual tu expressas a ti mesmo, não pode haver senão aquilo que tu és; nem o Verbo pode ser maior ou menor do que tu, porque o teu Verbo é verdadeiro como tu. Ele é, de fato, a mesma verdade como tu és, a qual outra coisa não é senão tu mesmo.

Tu és tão simples que de ti não pode nascer outra coisa que não seja aquilo que tu és: o amor, uno em si e comum a ti e a teu Filho, isto é, o Espírito Santo, que procede de um e de outro. Com efeito, esse amor não é inferior nem a ti nem a teu Filho, porque tu amas a este Filho e a ti, tanto como ele a ti e a si mesmo, porquanto tu és ele e ele é tu. Nem de ti nem dele provém algo diferente dele e de ti.

Da simplicidade suprema não pode proceder nada que seja diferente daquilo que é o princípio donde procede. Assim, tudo o que é cada um, o mesmo é, completa e simultaneamente, a Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo –, porque cada um deles outra coisa não é senão a unidade sumamente simples e a simplicidade sumamente una, que não pode nem multiplicar-se nem ser uma coisa ou outra. Aliás, *há apenas um único ser necessário*, e é aquele necessariamente uno, no qual encontra-se todo o bem, ou melhor: ele é o bem completo, o único, o bem total e exclusivo.

Capítulo XXIV

Hipóteses acerca da natureza e grandeza desse Bem supremo

Vamos, minha alma, aguça e eleva toda a tua inteligência e pensa, com todas as tuas forças, qual e quão grande seja esse Bem.

Se, pois, todos os bens são agradáveis, imagina e considera quão agradável será este que encerra a causa da alegria de todos os outros bens. Não uma alegria qualitativamente igual àquela que nós experimentamos com as coisas criadas, mas tão diferente quanto imensamente diferente é o Criador da criatura. Se a vida criada já é uma alegria, quão agradável não será a vida criadora? Se a conservação da vida já foi feita agradável, quanto mais não o será aquela vida que é o princípio de toda conservação? Se é agradável o conhecimento das coisas que foram criadas, quão agradável não será então a sabedoria que criou todas as coisas do nada? Em suma, se as alegrias dispensadas pelas coisas criadas são muitas e grandes, qual e quão grande não haverá de ser a alegria existente naquele que é a causa de todas as coisas agradáveis?

Capítulo XXV

Quais e quão grandes bens estão reservados aos que fruem de Deus

Oh! aquele que fruirá desse bem! O que estará ou não reservado para ele? Certamente haverá para ele tudo o que Deus quiser e nada haverá de tudo o que Deus não quiser. Haverá, ali, sem dúvida, os bens do corpo e da alma; os que *o olho nunca viu, o ouvido nunca ouviu, nem o coração humano nunca imaginou* [1 Cor 2,9]. Por que, então, ó homem miserável, vagueias aqui e acolá à procura do bem para o teu corpo e a tua alma? Ama aquele único bem em que se encontram todos os bens e estarás satisfeito. Deseja aquele bem sumamente simples, que contém todos os bens, e será o suficiente. O que estás a amar, ó minha carne; o que estás a desejar, ó minha alma? Somente ali, nele, é que se encontra o que vós amais e tudo o que desejais. Se amais a beleza, então, deveis saber que *os justos resplandecerão como o sol* [Mt 13,43]; se desejais a rapidez ou a força ou a liberdade do corpo de maneira que nada a ele possa opor-se, sabei que *os justos serão semelhantes aos anjos e Deus* [Mt 22,30], porque *depois de semeado o corpo animal, surgirá o corpo espiritual* [1 Cor 15,44], certamente pelo poder divino e não pela natureza. Se procurais uma vida longa e cheia de saúde, é nele que se encontra a eternidade sadia e a sanidade eterna, porque *os justos viverão eternamente* [Sab 5,15] e, também, porque *a saúde vem aos justos do Senhor* [Sl 36,39]. Se quereis ser saciados, eles *serão saciados quando aparecer a glória do Senhor* [Sl 16,17]; se procurais a ebriedade, *estarão embriagados com a abundância da casa do Senhor* [Sl 35,9]. Se sois atraídos pela música, ali [nos céus] encontram-se os coros dos anjos cantando sem fim a Deus. Se cobiçais o prazer – o prazer puro, não o imundo –, ó *Senhor, tu lhes saciarás a sede com torrente dos teus prazeres* [Sl 35,9]; se a sabedoria, será revelada aos justos a própria sabedoria de Deus; se a amizade, os justos amarão a Deus mais que a si mesmos, e cada um deles amará aos outros como a si mesmo, e Deus os amará mais do que eles possam amar a si mesmo, porque eles amarão a Ele e a si e amar-se-ão entre si mesmos mas por meio dEle, quando, ao contrário, Ele amará a si mesmo e a eles por meio de si mesmo. Se é a concórdia que vós buscais, os justos terão todos uma só vontade, porque, ali, não haverá outra vontade a não ser a de Deus; se o poder, eles terão uma vontade onipotente como a de Deus porque, assim como Deus pode o que quer por si mesmo, assim eles poderão tudo o que quiserem, por meio dEle. E, desde que

eles hão de querer tudo o que Deus quer, Deus, portanto, quererá aquilo que eles quiserem; e o que Ele quiser não poderá não ser. Se as honras e as riquezas, Deus elevará os seus servos bons e fiéis acima de todas as coisas, de forma a serem chamados, e o serão realmente, *filhos de Deus* [Rom 8,16] e deuses e se encontrarão lá, onde estará o seu Filho; e, lá, eles serão os *herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo* [Rom 8,17]. Se desejais a verdadeira segurança, eles ficarão plenamente seguros de que nunca lhes faltará, de modo algum, a felicidade, porque terão a certeza de que, espontaneamente, não abandonarão a Deus, e Deus, que os ama, não poderá abandonar a eles, que o amam. E nada existe de mais poderoso do que Deus, que possa afastá-los dEle contra a vontade deles e a de Deus. Oh! como há de ser grande e agradável essa alegria, lá onde se encontra tão grande Bem! Ó coração humano, ó coração pobre, atribulado, inquieto, como hás de sentir-te feliz se possuíres, em abundância, desses bens! Sonda o teu âmago, para ver se cabe nele a alegria de tanta felicidade.

E, certamente, se algum outro irmão, a quem tiveres amado como a ti mesmo, fruir da mesma felicidade, a tua alegria dobrará, porque não fruirás menos da dele que da tua. E se houver dois ou três ou muitos compartilhando da mesma alegria, e a eles tiveres amado como a ti mesmo, desfrutarás da alegria de cada um como da tua.

Portanto, nesse perfeito amor, entre inumeráveis anjos e homens, onde ninguém ama aos outros menos do que a si mesmo, cada um fruirá da alegria de todos os outros não menos que da sua própria.

Mas, se o coração de um homem mal está capacitado a receber a alegria de apenas uma felicidade tão grande, como poderá ter espaço para abrigar a alegria de tantas e tão grandes felicidades? E desde que, quanto mais se ama a outrem mais sente-se prazer pela sua felicidade; e como nesta felicidade perfeita cada um amará a Deus infinitamente mais que a si mesmo, e aos outros, então cada um desfrutará mais, e sem comparação, da felicidade de Deus do que da sua própria e daquela dos outros.

Se os justos amarão a Deus com todo o seu coração, com toda a sua mente e com toda a sua alma, e, no entanto, o coração, a mente e a alma não são suficientes para um amor tão sublime, eles, sem dúvida, serão felizes com todo o seu coração, com toda a sua mente e a sua alma, porém, não com a capacidade apropriada à plenitude de tanta felicidade.

Capítulo XXVI

Acaso será essa a “alegria plena” que o Senhor prometeu?

Deus meu e meu Senhor, esperança minha e gáudio do meu coração, dize à minha alma se esta é a alegria de que nos falas através do teu Filho: *Pedi e recebereis de maneira que a vossa alegria seja plena* [Jo 16,24], pois eu encontrei uma alegria plena e mais que plena. Pleno o coração, plena a mente, plena a alma, pleno completamente o homem dessa alegria, e já outra alegria haverá ainda para ele, sem medida. Essa alegria, portanto, não caberá inteira naqueles que a desfrutam, mas estes caberão inteiramente nela.

Dize, ó Senhor, dize ao teu servo, na intimidade do seu coração, se é essa a alegria que receberão aqueles teus servos que entrarão no gáudio do Senhor.

Mas essa alegria, de que fruirão certamente os teus eleitos, *nem o olho a viu, nem o ouvido a ouviu, nem jamais penetrou no coração humano* [Is 64,4; 1 Cor 2,9]. Portanto, eu ainda não disse nem pensei suficientemente, ó Senhor, quão imensa será a felicidade desses bem-aventurados. Sem dúvida eles desfrutarão de tanta felicidade igual ao seu amor; e o seu amor será tanto como o seu conhecimento. Mas em que medida, então, te conhecerão, ó Senhor, e te amarão? Certamente *nem olho viu, nem ouvido ouviu, nem penetrou no coração do homem* em que medida te conhecerão e te amarão, naquela vida futura.

Ó Deus, rogo-te que permitas que te conheça, te ame, e possa assim fruir da tua felicidade. E se não posso tê-la plenamente durante esta vida, ao menos consiga avançar, cada dia mais, em direção a ela, de modo a alcançá-la plenamente. Que o conhecimento de ti cresça, durante a minha vida, de forma a fazer-se pleno na outra. Que o meu amor para contigo aumente cada vez mais até chegar à plenitude na vida futura e que, aqui, e minha alegria seja tão grande, na esperança, a fim de que possa ser total ali, na realidade. Ó senhor, tu por meio do teu Filho nos ordenas, aliás nos exortas, a pedir, e prometes que seremos atendidos, e que a nossa alegria será plena. Peço-te aconselhar-me por meio desse nosso admirável conselheiro [Jesus Cristo] para que eu receba o que nos prometes através da tua verdade: que a minha alegria venha a ser completa. Deus da verdade, suplico-te, possa eu fruir dessa alegria completa. Que a minha mente, de agora em diante, só pense nisso; que a minha boca só fale nisso;

que o meu coração só ame isso; que a minha alma só anele por isso;
que a minha carne só tenha sede disso; que o meu ser inteiro só
deseje isso até o momento em que perceba em mim a alegria do meu
Senhor, que é Uno e Trino, bendito por todos os séculos. Assim seja.

LIVRO EM FAVOR DE UM INSPIENTE

Objeção de Gaunilo, monge de Marmoutier, contra o Proslógio, de Anselmo

1. Para quem, por acaso, duvide ou negue que existe uma “natureza da qual não é possível pensar nada maior”, argumenta-se [por parte de Anselmo] que: primeiro, demonstra-se que essa natureza existe pelo fato de que quem duvida dela ou a nega já a tem na sua inteligência, pois, ao ouvir-lhe pronunciar o nome, consegue compreender o sentido daquilo que lhe é afirmado. Em segundo lugar [o autor sustenta que] pelo fato de que quem nega consegue compreender o que lhe foi dito, necessariamente essa natureza não se encontra apenas na inteligência, mas também na realidade; e demonstra-se isso afirmado que existir na inteligência e na realidade é muito mais do que existir só na inteligência, e se o ser, do qual não se pode pensar nada maior, se encontrasse apenas na inteligência, seria menor que aquele que existe na inteligência e na realidade, e, desta maneira, o ser, pensado como o maior de todas as coisas, seria pelo menos menor do que uma e não seria o maior de todos os seres, o que é contraditório. Assim, [se deduz que] esse ser, maior que todos e que já foi demonstrado existir na inteligência, é necessário que exista não apenas na inteligência mas, também, na realidade; caso contrário, não poderia ser o maior de todos.

2. A isso pode-se responder: se algo está na minha inteligência somente porque comprehendo as palavras que o expressam, então não seria possível, também, afirmar o mesmo a respeito das coisas falsas ou absolutamente inexistentes, isto é, que se encontram na minha inteligência, porque, ao ouvir alguém falar nelas, eu as comprehenderia?

O raciocínio [de Anselmo] parece-me válido, se porém, já tenho a certeza de que aquele “ser do qual não se pode pensar nada maior” existe no meu pensamento não da maneira com que é possível existir, também, as coisas falsas ou duvidosas. Neste caso, todavia, não devo dizer que, depois de ouvir aquela frase, eu penso, ou tenho na inteligência esse ser porque comprehendo as palavras que o expressam, mas que o comprehendo, ou o tenho na inteligência porque isto é, eu não poderia pensá-lo de outro modo a não ser comprehendendo, vale dizer, tendo ciência certa de que ele existe realmente.

Se fosse assim [como diz Anselmo], em primeiro lugar, não haveria na inteligência dois momentos, um quando se comprehende a idéia do objeto, e outro, a sua existência, como acontece com uma pintura, que primeiro se encontra na mente do pintor e sucessivamente na obra realizada.

Em segundo lugar, é bastante difícil acreditar que, ao se ouvir pronunciar aquela frase, não seja possível pensar que esse ser não existe, quando é possível ainda pensar que Deus não existe. Com efeito, se não fosse possível pensar que Deus não existe, então, para que serve toda essa tua discussão ou argumentação dirigida justamente contra quem nega ou duvida que haja essa natureza superior?

Em terceiro lugar, deve ser demonstrado, com um argumento irrefutável, que esse ser é tal espécie que, logo venha a ser pensado, imediatamente a inteligência percebe-lhe a existência. A afirmação de que ele já se encontra no intelecto, quando ouço as palavras que o expressam, não satisfaz, porque na minha inteligência pode haver todas as coisas incertas, duvidosas e falsas que alguém queira afirmar e eu possa compreender, ao ouvi-las nomear. Há mais: enganado, como muitas vezes acontece, eu poderia chegar a prestar fé nessas coisas; é justamente nisto que eu não acredito.

3. Disso decorre que o exemplo do pintor, que tem já na mente a pintura que irá fazer, não se ajusta convenientemente a este argumento.

A pintura, com efeito, antes de ser executada, está na própria arte do pintor [N. do T.: a palavra *arte* aqui e nas frases sucessivas equivale a *intuição (artística)*.] e, como tal, ela é “algo” que faz parte da sua inteligência. Por isso, Santo Agostinho diz: “Quando um artífice está para construir uma arca, ele a tem primeiro na sua arte. E, enquanto a arca já realizada, como obra, não é vida, aquela que se encontra ainda na arte é vida porque vive da vida da alma do artífice, na qual se acham todas as intuições, antes de serem realizadas”. Mas, por qual outro motivo essas coisas haveriam de ser vida na alma vivente do artífice, se não porque são ciência, isto é, inteligência da sua própria alma? Feita exceção daquelas coisas que pertencem à mesma natureza da mente, das demais a inteligência apreende a verdade ou ouvindo-a expressar pelas palavras de alguém ou por meio da sua reflexão. Mas não resta dúvida que, em ambos os casos, uma coisa é a verdade conhecida e outra coisa é a inteligência que a conhece. Por

esta razão, ainda que fosse verdade a existência de alguma coisa acima da qual não é possível pensar nada maior, todavia, ela, ouvida e conhecida, não seria, no que diz respeito à inteligência, aquilo que é a pintura, ainda não realizada, para a inteligência do pintor.

4. A isso deve-se acrescentar o que foi dito acima, isto é, que esse ser, o maior entre todos os que se possam pensar – e, por isso, afirma-se, não ser nada mais do que Deus –, eu não consigo pensá-lo ou tê-lo na inteligência, ao ouvir seu nome, nem como algo referível a uma espécie ou a um gênero, nem, ainda, posso saber o que esse Deus é em si e por si. Por isso, não resta dúvida que eu posso também supor que ele não existe. De fato, nem conheço Deus em si nem posso deduzir a sua existência de algo que se pareça com ele, visto tu afirmares que não há nada que possa ser-lhe parecido.

Se eu ouvisse, pois, falar num homem que não conheço e cuja existência também ignoro, certamente conseguiria concebê-lo como real por meio da noção especial e geral de homem que me permite saber como é um homem. Todavia, devido à mentira de quem ouço falar, o homem imaginado por mim, na verdade, poderia não existir, embora o tenha pensado, segundo uma imagem verdadeira, ainda que não fosse a daquele homem, individualmente, e, sim, de um homem em geral.

Por conseguinte, quando ouço pronunciar a palavra *Deus* ou a frase *o ser maior que todos*, poderia conceber na inteligência e no pensamento esse ser da mesma maneira falsa como aconteceu-me a respeito daquele homem. Naquele caso, porém, consegui pensar num homem verdadeiro devido a uma noção real que eu possuía. Aqui, no entanto, posso pensar em Deus somente através de uma palavra. Mas com esta conotação apenas é muito difícil, se não impossível, inferir a verdade. Quando alguém pensa através de uma conotação verbal, não dirige o seu pensamento para a palavra em si, que, sem dúvida, é verdadeira enquanto som de letras e de sílabas, mas para o significado da palavra que ouviu. Neste caso, porém, o significado é compreendido não como seria por alguém que já conhece o que se sói significar com essa palavra, isto é, um ser verdadeiro e existente não só no pensamento; mas como o seria por aquele que não conhece o objeto e pensa segundo a impressão recebida pela sua inteligência ao ouvir a palavra, e se esforça para representar a si mesmo o significado daquilo que ouviu. E seria realmente maravilhoso se o conseguisse.

Portanto, de nenhuma outra maneira, afora essa, pode certamente encontrar-se na minha inteligência esse ser, quando ouço e comprehendo alguém que diz: “o ser maior entre todos os seres que se possam pensar”. [N. do T.: note-se que Gaunilo não repete com exatidão o conceito de Anselmo. Este fala no ser do qual *não se pode pensar nada maior*, quando Gaunilo não presta atenção à negativa colocada por Anselmo e afirma “o ser maior entre todos os que se possam pensar”. A rigor, Gaunilo coloca em dúvida até a possibilidade de pensar o ser maior, porque, ao formular a frase, usa o subjuntivo (modo da dúvida, em latim), quando Anselmo usa o indicativo (modo da certeza).]

Isto era o que tinha a responder à afirmativa de que tal natureza suprema existe realmente na minha inteligência.

5. A respeito da asserção de que esse ser se encontra não apenas na inteligência, mas também, e necessariamente, na realidade, porque se não se encontrasse na realidade qualquer outro que existisse na realidade seria maior do que ele e, assim, não seria aquele ser maior que todos que já foi demonstrado existir na inteligência, respondo: se se quer dizer que ele existe na inteligência da mesma maneira que existe qualquer outra coisa suposta verdadeira, então não nego que se encontre também na minha inteligência. Mas, como de forma nenhuma é possível deduzir disso que ele se encontre também na realidade, eu sequer concedo que ele exista na minha inteligência, a menos que se demonstre isso com um argumento verdadeiramente irrefutável.

Quando, ainda, ele [Anselmo] afirma que se não existisse na realidade não seria, por tal motivo, o ser maior de todos, não apresenta um argumento suficiente para o interlocutor. Eu, pois, não apenas não concebo, mas nego, ou coloco em dúvida, que exista efetivamente esse ser supremo na inteligência e na realidade; e não lhe concedo existência maior – supondo poder-se chamar de existência – que aquela que lhe confere o esforço feito pela minha mente ao procurar representar-se uma coisa que conhece apenas através de uma palavra que ouviu.

Como será possível, portanto, demonstrar-me que esse ser existe de verdade pelo fato de ser a maior de todas as coisas, quando eu nego a sua existência, ou pelo menos duvido muito, e afirmo que não se encontra na minha inteligência nem no meu pensamento, nem sequer como todas as coisas duvidosas e incertas?

É, pois, para mim necessário ter primeiramente a certeza, mediante elementos seguros, de que existe nalguma parte da realidade e, assim, ficará claro que subsiste, também em si mesmo, pelo fato de ser o maior de todos os seres.

6. Alguns afirmam, por exemplo, que há uma ilha num ponto qualquer do oceano e que pela dificuldade, ou melhor, a impossibilidade de achá-la, pois não existe, denominam de *Perdida*. Contam-se dela mil maravilhas, mais do que se narra a respeito da *Ilhas Afortunadas*: que, devido à sua inestimável fertilidade, ela está repleta de todas as riquezas e delícias e que, apesar de não haver lá nem proprietário nem habitantes, supera, em fartura de produtos, todas as terras habitadas pelos homens.

Venha qualquer pessoa dizer-me que tudo isso existe e eu compreenderei facilmente, pois as suas palavras não apresentam para mim nenhuma dificuldade. Mas se, ainda, essa pessoa quisesse acrescentar, como conseqüência: tu não podes duvidar mais que essa ilha, a melhor de todas que há na terra, exista de verdade nalguma parte, porque conseguiste formar uma idéia clara da mesma na tua inteligência; e, como é melhor que uma coisa exista na inteligência e na realidade do que apenas na inteligência, ela necessariamente existe, porque, se não existisse, qualquer outra terra existente na realidade seria melhor do que ela, e assim ela, que tu pensas a melhor da todas, não seria mais a melhor. Se, digo, essa pessoa presumisse, com semelhante raciocínio, que eu devesse admitir a existência real daquela ilha, acreditaria que estivesse brincando, ou não saberia distinguir qual de nós dois eu deveria julgar mais estulto: se a mim, que prestei fé nas suas palavras, ou se a ela, caso estivesse convencida de ter colocado sobre bases sólidas a existência da ilha sem primeiro constatar se essa superioridade é, verdadeiramente e sem sombra de dúvida, real, de modo que não suscite na minha inteligência um conceito falso e incerto.

7. O insipiente poderá responder tudo isso, pois, àquele que lhe afirma que o ser maior que todos os seres não pode existir apenas no pensamento, sem outra demonstração de que não poderia ser o maior de todos se existisse somente no pensamento. O insipiente poderia dar essa mesma resposta e acrescentar: -- Quando, por acaso, eu afirmei que esse ser, maior que todos, existe, de modo que, com base nisso, se deva demonstrar-me a realidade da sua existência até o ponto em que sequer é possível pensar que não existe?

Por esse motivo, antes de mais nada, deve-se provar a existência de uma natureza superior, isto é, de uma natureza que é a maior e a melhor de todas as existentes, com um argumento tão sólido, que permita, a partir daí, comprovar e deduzir todas as outras perfeições que é necessário atribuir-lhe, enquanto é o maior e melhor de todos os seres. Ainda: ao invés de dizer que não se pode *pensar* que esse ser supremo não existe, é melhor dizer que não se pode compreender que não exista ou, também, que não pode não existir. Com efeito, segundo o verdadeiro significado do verbo *compreender*, as coisas falsas não podem ser *compreendidas*, mas podem ser pensadas, assim como o insipiente pensou que Deus não existe.

Eu tenho a máxima certeza que existo e, todavia, sei que posso não existir. Mas, desse ser supremo que é Deus, eu comprehendo, sem dúvida, que existe e que não pode não existir. Entretanto, não sei se posso pensar que eu não existo enquanto possuo a máxima certeza que existo. Mas se posso: por que não poderia pensar que, também, não existem todas as outras coisas, de cuja existência tenho igual certeza como da minha? E se não posso, então não será uma propriedade única de Deus não poder ser pensado como não existente.

8. Os outros argumentos do opúsculo [o Proslógio] estão expostos com tanta verdade e magnífica beleza, com tanta utilidade e uma fragrância de profundo, piedoso e santo afeto que, de maneira nenhuma, devem ser desprezados por causa desse argumento inicial, escrito com intenção louvável, mas demonstrado com pouca força. Eles, ao contrário, devem ser fortalecidos com uma argumentação mais robusta e aceitos todos com grande veneração e louvor.

RESPOSTA DE ANSELMO A GAUNILO

Como as minhas palavras foram contestadas, não pelo insipiente contra o qual argumentei no meu opúsculo [o Proslógio], e, sim, por um homem que não é um insipiente, mas um católico, que toma a defesa do insipiente, será bastante para mim responder ao católico.

1. Quem quer que tu sejas, que colocas na boca do insipiente essas argumentações, sustentas que, se há na inteligência um ser do qual não é possível pensar nada maior, ele não existe ali de maneira que obrigue a admitir a sua realidade, e que, quando afirmo que é necessário que uma coisa exista verdadeiramente desde que concebida pelo pensamento como superior a tudo, esta demonstração – dizes – não é legítima, como não seria igualmente legítimo se se concluisse que aquela *Ilha Perdida* existe de verdade só porque quem ouve a sua descrição tem a idéia dela na mente.

Ora, eu respondo: se “o ser do qual não se pode pensar nada maior” não é compreendido pela inteligência ou concebido pelo pensamento, e não existe nem na inteligência nem no pensamento, então Deus não é o ser do qual não é possível pensar nada maior, ou não pensá-lo e, portanto, não existe nem na inteligência nem no pensamento. Para demonstrar quanto isso seja falso, uso como argumento, que não admite réplicas, a tua fé e a tua consciência. Portanto, verdadeiramente é possível compreender e pensar e ter na inteligência e no pensamento, “o ser do qual não se pode pensar nada maior”. Por isso, ou os argumentos com que tu te esforças em provar o contrário não são verdadeiros, ou as conclusões a que acreditas chegar são falsas.

A respeito do que tu opinas, que do fato de que se pode pensar algo acima do qual não é possível pensar nada maior não decorre que esse algo se encontre na inteligência; e que, pelo motivo de encontrar-se na inteligência, não é possível concluir que, necessariamente, exista na realidade, eu insisto em dizer, com toda certeza, que, se é possível pensá-lo, é necessário que ele exista. Com efeito, “o ser do qual não se pode pensar nada maior” não admite ser pensado como existente a não ser sem princípio, quando, ao contrário, tudo aquilo que pensamos como existente porque teve início admite ser pensado como existente ou não. Conseqüentemente, “o ser do qual não se pode pensar nada maior” não pode ser pensado existente e não existente. Assim, se é possível pensá-lo como existente, é necessário que exista.

Mais: se é possível pensá-lo, é necessário que exista. Quem, pois, nega ou duvida que exista um ser acima do qual não é possível pensar nada maior, não nega ou duvida, porém, que, se existisse, não poderia não existir tanto na realidade como na inteligência, caso contrário não seria “o ser do qual não é possível pensar nada maior”. Mas aquilo que permite ser pensado como existente e não existe, se existisse, poderia não existir ou na realidade ou na inteligência. É por isso que “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, se é possível concebê-lo pelo pensamento, é impossível que não exista.

Mas vamos supor que ele efetivamente não exista, apesar de poder ser concebido pelo pensamento. Tudo aquilo, porém, que pode se pensado e não existe realmente, se viesse a existir, sem dúvida não seria “o ser acima do qual não se pode pensar nada maior”. Portanto, se “o ser acima do qual não se pode pensar nada maior” viesse a existir, não seria mais “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, o que é absurdo. Logo, é falso que não exista realmente “o ser acima do qual não se pode pensar nada maior”, se ele pode ser pensado. Aliás, ele existirá com maior certeza ainda, se é possível pensá-lo e tê-lo na inteligência.

E direi mais ainda. Não há dúvida que aquilo que não existe em nenhum lugar ou tempo determinados, se bem que exista em um lugar ou tempo quaisquer, pode ser pensado todavia como não existente em nenhum lugar e em nenhum tempo, da mesma maneira pela qual não se encontra num lugar e tempo determinados. Com efeito, aquilo que não existia ontem e não existe hoje pode compreender-se que não tenha existido nunca, como compreende-se que não existia ontem; e aquilo que não existe aqui e existe alhures pode ser pensado como não existente em nenhuma parte, por não se encontrar aqui. Fato semelhante acontece com uma coisa, cujas diferentes partes não se encontram todas no mesmo lugar ou não existam no mesmo tempo: as partes e a coisa, em seu conjunto, podem ser pensadas como não existentes em nenhum lugar e nenhum tempo. Com efeito, não obstante se diga que o tempo existe sempre e o universo por toda parte, entretanto, o tempo não existe inteiro sempre, nem o universo existe inteiro por toda parte. E, como várias partes do tempo não existem ainda quando já existem as outras, assim podemos pensar que nunca existem; e, como as diferentes partes do universo não se encontram onde estão as outras, também podemos pensar que não existem em lugar nenhum. Tudo aquilo, em suma, que é composto de partes pode ser decomposto pelo pensamento e concebido como não existente. Por conseguinte,

aquilo que não existe inteiro por toda parte e sempre, ainda que exista, admite ser pensado como não existente. Entretanto, “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, se existe, não pode ser pensado como não existente: caso contrário, se existe, não é “o ser do qual não é possível pensar nada maior”. E isto é contraditório. Portanto, ele não existe inteiro num lugar ou tempo determinados, mas existe inteiro por toda parte e sempre.

Como, então, tu consegues afirmar que não se pode nem pensar nem compreender, nem ter na inteligência e no pensamento o ser do qual é-nos dado compreender tantas propriedades? Pois bem, se não fosse possível pensá-lo e comprehendê-lo, também não conseguiríamos compreender essas propriedades. E se, depois, dizes que não é possível ter na inteligência aquilo que não se pode conceber ou compreender por completo, então podes acrescentar também que a pessoa que não consegue fixar os olhos na luz puríssima do sol não vê a luz do dia, que outra coisa não é senão a luz do sol.

Claro está, portanto, que podemos compreender e ter na inteligência “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, porque compreendemos tantas das suas propriedades.

2. Na minha argumentação, que tu contestas, eu disse que o insipiente, ao ouvir as palavras “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, comprehende aquilo que ouve.

Ora, quem não comprehende aquilo que é expressado na língua por ele conhecia é um obtuso ou um deficiente.

Depois acrescentei que se ele comprehende esse ser, este se encontra em sua inteligência. Ou será que não se encontra em nenhuma inteligência aquilo que foi demonstrado existir, necessariamente, na realidade?

Mas tu dizes que, não obstante se encontre na inteligência, não se encontra nela como consequência de ter sido comprehendido. Olha, porém, que se é comprehendido, encontra-se na inteligência. Com efeito, assim como aquilo que é pensado, é pensado pelo pensamento e, pelo fato de que é pensado, existe no pensamento assim, também, aquilo que é comprehendido, é comprehendido pela inteligência e, pelo fato de que é comprehendido, existe na inteligência. Haverá coisa mais clara do que esta?

Afirmei, ainda, que se se encontra só na inteligência, pode, também, ser pensado como existente na realidade; e que isto é coisa maior do que encontrar-se só na inteligência.

Depois, concluí que, se existe apenas na inteligência, é, por isso, um ser acima do qual pode-se pensar algo maior. Haverá consequência mais lógica do que esta?

Ou será que, por encontrar-se apenas na inteligência, então não é possível pensar que existe, também, na realidade? Se, porém, é possível, quem o pensa assim não pensa, acaso, um ser maior que aquele que se encontra só na inteligência? E, portanto, não decorre logicamente que “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, se existisse apenas na inteligência, seria, justamente por isso, um ser acima do qual é possível pensar uma coisa maior? Mas, com certeza, nenhuma pessoa dotada de inteligência pode afirmar que “o ser do qual não se pode pensar nada maior” é o mesmo ser do qual se pode pensar alguma coisa superior. Ora, não decorre, portanto, disto, que esse ser do qual não se pode pensar nada maior, se existe na inteligência, não se encontra apenas na inteligência?

De fato, se existisse somente na inteligência, ele mesmo seria o ser do qual poder-se-ia pensar outro maior, o que é absurdo.

3. Mas tu dizes que esta minha maneira de argumentar equivale àquela de um homem que, depois de descrever uma ilha do oceano que supera em fertilidade todas as terras e, pela dificuldade, ou melhor, a impossibilidade de encontrá-la, pois não existe, é chamada *Ilha Perdida*, afirmasse que não é possível duvidar da sua existência real, porque quem ouve comprehende facilmente a sua descrição pelas palavras.

Em toda confiança respondo-te que se alguém consegue encontrar-me um ser – excetuando “aquele do qual não se pode pensar nada maior” – existente na realidade ou apenas no pensamento, ao qual seja possível aplicar congruentemente a minha argumentação, eu encontrarei com certeza a *Ilha Perdida* e a entregarei a essa pessoa, de modo que nunca mais há de perdê-la. Contudo, parece estar já claro que não é possível pensar como não existente “o ser do qual não é dado pensar nada maior”, porque a sua existência alicerça-se numa razão segura e verdadeira. Se assim não fosse, não existiria de maneira nenhuma [isto é: nem na inteligência].

Finalmente, se alguém afirmasse que *pensa* que esse ser não existe, responder-lhe-ia que, ao pensar assim, ele ou está ou não está pensando no *ser do qual não se pode conceber coisa maior*. Se não está, evidentemente, não pensa que não existe aquilo que, de maneira nenhuma, pensa. Mas, se, ao contrário, pensa nele, não resta dúvida que pensa algo, cuja não existência é impossível conceber. Com efeito, se fosse admitido conceber que esse ser pode não existir, seria lícito, então, deduzir que ele tem princípio e fim, o que é absurdo. Quem, portanto, pensa num ser dessa espécie, pensa algo que não é possível conceber como não existente. Aliás, quem pensa esse ser, na verdade, não pensa que ele não existe, porque, caso contrário, pensaria aquilo que não pode ser pensado.

Conseqüentemente, o ser acima do qual não é possível pensar nada maior não pode ser pensado como não existente.

4. A respeito daquilo que objetas que, quando se afirma que esse ser supremo não pode ser pensado como não existente, seria melhor dizer que “não pode ser compreendido como não existente” ou, também, “que não pode não existir”, eu insisto que se deve dizer que “não pode ser pensado”. Se, pois, eu tivesse afirmado que o ser supremo não pode *compreender-se* que não exista, tu que, devido ao sentido próprio do verbo, sustentas que as coisas falsas não podem ser compreendidas, terias objetado que nada daquilo que existe pode ser compreendido como não existente, porque é falso que aquilo que existe não exista; e terias concluído que, por este motivo, não seria uma propriedade exclusiva de Deus não poder ser concebido como não existente. Evidentemente se alguma das coisas que existem com certeza fosse possível ser compreendida como não existente, também todas as outras que existem com igual certeza, poderiam ser compreendidas como não existentes.

Mas, essa objeção, se refletirmos bem, não é valida a respeito do *pensar*. Com efeito, embora nenhuma das coisas existentes se possa pensar como não existente, entretanto, todas, excetuando o ser supremo, admitem ser pensadas como não existentes. Pois, sem dúvida, podem ser pensadas como não existentes todas ou separadamente aquelas coisas que têm princípio e fim ou que constam de partes, e tudo aquilo que, como já disse, não se encontra completo num determinado lugar ou tempo. Mas o ser que não possui nem princípio nem fim, que não é composto de partes e que o pensamento encontra completamente inteiro por toda parte e sempre, não admite ser pensado como não existente.

Hás de saber, portanto, que tu podes pensar de ti mesmo que não existes, apesar de saberes certissimamente que existes, e eu estranhar que tu tenhas afirmado não sabê-lo com certeza.

Com efeito, nós imaginamos que não existem muitas das coisas que sabemos existir e, ao contrário, pensamos como existentes muitas outras que sabemos que não existem, embora não acreditando, mas fingindo acreditar que sejam assim como as pensamos. Podemos, pois, pensar que uma coisa não existe, quando sabemos que existe, porque é possível formular esse pensamento ao mesmo tempo que conhecemos a existência dela; e, no entanto, não podemos pensar, simultaneamente, que uma coisa não existe quando existe, porque não é possível pensar que uma coisa exista e não exista ao mesmo tempo. Quem distinguir desta maneira as duas proposições contidas na minha exposição compreenderá que de nenhuma coisa ele pode pensar que não existe, quando sabe que existe e que, ao mesmo tempo, de todas as coisas, excetuando o ser do qual não se pode pensar nada maior, pode pensar que não existem, ainda quando sabe que existem. É, portanto, próprio de Deus não poder ser pensado como não existente, e, todavia, muitas coisas não podem ser pensadas não existentes quando existem.

A respeito da maneira com que se pode dizer que é dado pensar que Deus não existe, creio tê-lo exposto suficientemente nesse mesmo opúsculo [Proslógio, cap. 3].

5. No que diz respeito às demais objeções que me apresentas em defesa do insipiente, até para uma pessoa de poucos conhecimentos seria fácil rebatê-las. Por isso, tinha tomado a resolução de não responder. Mas, como estive sabendo que, segundo alguns que as leram, elas apresentam um certo valor contra a minha posição, as comentarei brevemente.

Em primeiro lugar, tu repeteis freqüentemente que eu afirmo: “aquilo que é maior que todas as coisas” encontra-se na inteligência e que, portanto, se existe na inteligência, existe também na realidade, porque, do contrário, ele não seria “o ser maior que todas as coisas”.

Mas uma afirmação dessa espécie não se encontra em parte nenhuma dos meus escritos e das minhas palavras. Com efeito, para provar que esse ser existe na realidade, não é a mesma coisa argumentar dizendo “*o ser maior que todas as coisas*” e “*o ser do qual não se pode pensar nada maior*”. Se, pois, alguém afirmasse que “*o ser do qual não se*

“pode pensar nada maior” não existe e que pode não existir e que pode não existir na realidade, seria fácil refutá-lo. Efetivamente, aquilo que não existe pode não vir a existir; e o que pode não existir pode ser pensado como não existente; porém, aquilo que pode ser pensado como não existente – se existe – não é “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, que – se não existe, e viesse a existir – certamente não seria “o ser do qual não se pode pensar nada maior”. Mas não se pode dizer que “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, se existe, não é “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, ou que, se viesse a existir, não seria “o ser do qual não se pode pensar nada maior”. Está claro, pois, que ele não apenas existe, mas que não pode não existir e que não pode ser pensado como não existente; o contrário – se existe –, não é aquilo que se diz que é, e – se viesse a existir –, não seria aquilo que se diz que seria [isto é, “o ser do qual não se pode pensar nada maior”].

Não é fácil, entretanto, afirmar o mesmo acerca do “ser maior que todas as coisas”. Com efeito, não é tão evidente que aquilo que é possível ser pensado como não existente não é “o ser maior que todas as coisas”, como, ao contrário, isto evidencia-se no caso do “ser do qual não se pode pensar nada maior”. Nem é tão claro assim que “o ser maior que todas as coisas”, se existe, ou viesse a existir, não seria senão “o ser do qual não se pode pensar *algo* maior”, como isto é certo no caso do “ser do qual não se pode pensar *nada* maior”.

De fato, se alguém afirmasse que existe um ser maior que todos os outros e acrescentasse que este admite, todavia, ser pensado como não existente, e que é possível pensar algo – ainda que inexistente – maior do que ele, acaso seria possível argumentar contra essa pessoa que, neste caso, não se trata do “ser maior que todas as coisas existentes” com a mesma evidência e clareza com que se argumentaria para “o ser do qual não se pode pensar nada maior”? Como se vê, não basta argumentar na base do “ser maior que todas as coisas”; é necessário usar outro argumento. Mas para “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, a dedução é clara e suficiente por si. Portanto, se não é possível argumentar partindo do “ser maior que todas as coisas”, e, no entanto, é possível fazê-lo sem recorrer a outros elementos, quando se trata do “ser do qual não se pode pensar nada maior”, tu me redargüiste injustamente por ter dito aquilo que, realmente, não disse, já que as minhas palavras são bastante diferentes daquelas que me atribuíste.

Se, depois, fosse possível também argumentar na base do “ser maior que todas as coisas”, não devias ter-me censurado porque afirmei uma coisa que se pode demonstrar. E digo mais: quem conhece a força da argumentação contida no “ser do qual não se pode pensar nada maior” comprehende facilmente que é possível também esta segunda argumentação. De fato, “o ser do qual não se pode pensar nada maior” só pode ser entendido como o único maior entre todas as coisas. Conseqüentemente, assim como “o ser do qual não se pode pensar nada maior” é comprehendido por nós e se encontra em nossa inteligência e, portanto, a sua existência é real, assim “o ser maior que todas as coisas” é, igualmente, comprehendido pela nossa inteligência, encontra-se nela e, necessariamente, existe pelo mesmo motivo.

Observa bem se tens razão de comparar-me àquele insensato que acredita na existência da *Ilha Perdida*, só porque ouviu e comprehendeu as palavras de quem descreveu.

6. A respeito ainda daquilo que me objetas, que as coisas falsas e duvidosas podem, também, ser comprehendidas e encontrar-se na inteligência do mesmo modo que “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, admira-me que possas ter pensado isso de mim, quando desejava apenas oferecer provas certas sobre uma coisa problemática, e era suficiente, para mim, mostrar primeiro que esse ser, superior a tudo, é comprehendido pela inteligência e se encontra nela de alguma maneira; e, depois, examinar se se encontra nela somente como as coisas falsas ou, realmente, como as coisas verdadeiras.

Com efeito, se as coisas falsas e duvidosas são comprehendidas pela inteligência e se encontram nela porque, ao serem enunciadas, aquele que as ouve comprehende aquele que as fala, nada impede então que o ser enunciado por mim seja comprehendido pela inteligência e se encontre nela. Como, porém, conciliar estas tuas asserções: que as coisas falsas, quaisquer que sejam, quando alguém as enuncia diante de ti, tu as comprehendes, e que, no entanto, aquilo que não é pensado e não se encontra na inteligência, tal como as coisas falsas, não é pensado e não se encontra na inteligência porque não se pode pensá-lo nem comprehendê-lo senão tendo ciência de que existe na realidade? Como conciliar, repito, que as coisas falsas comprehendem-se e que comprehender é saber com ciência que um determinado ser existe?

Não sou eu quem deve responder; a ti pertence resolver a dificuldade.

Ainda. Se as coisas falsas são, de certa maneira, concebidas, e esta definição vale para todas as inteligências, não devias repreender-me porque afirmei que “o ser do qual não se pode pensar nada maior” é compreendido e existe na inteligência antes ainda que se tenha certeza de sua existência na realidade.

7. Ainda. Confesso que custo a acreditar que tu possas dizer que é possível pensar como não existente esse ser, ao ouvi-lo enunciar, pelo fato de que também Deus pode ser pensado não existir.

A isto poderiam responder, em meu lugar, até pessoas que possuem um conhecimento mínimo da arte de disputar e argumentar.

Acaso é lógico que alguém negue aquilo que comprehende, pelo fato de que afirma existir o que, justamente, nega porque não o comprehende? Mas se se chega a negar o que é comprehendido, de alguma maneira, identificando-o com aquilo que não se comprehende de maneira nenhuma, então não é mais fácil demonstrar o que é duvidoso com referência a um objeto que existe em algumas inteligências do que com referência a um objeto que não existe em nenhuma?

É incrível que alguém que comprehende, de alguma maneira, “o ser do qual não se pode pensar nada maior” o negue, quando ouve enunciá-lo, porque nega a Deus, palavra cujo significado e conteúdo não consegue comprehender de maneira nenhuma.

Mas se se nega aquilo que não se comprehende de maneira nenhuma, então não continua sendo certo que é mais fácil demonstrar o que é comprehendido de alguma maneira do que aquilo que não conseguimos comprehender de nenhuma?

Querendo demonstrar a existência de Deus a um insensato, não raciocinei, portanto, erradamente ao usar o argumento do “ser do qual não se pode pensar nada maior”, porque ele poderia comprehender este ser, de alguma maneira, enquanto não comprehenderia de nenhuma maneira Deus.

8. Na verdade, a objeção com que te esforças tanto para demonstrar-me que “o ser do qual não se pode pensar nada maior” não é como a

pintura antes de ser realizada na inteligência do artista, não resulta em nada.

Não citei, pois, o exemplo da pintura não realizada para sustentar que assim era o ser do qual estava tratando, mas para exemplificar que pode existir *algo* na inteligência, sem que, por isso, se comprehenda que existe na realidade.

Igualmente, quando dizes que – ao ouvi-lo enunciar – não consegues pensar e ter na inteligência “o ser do qual não se pode pensar nada maior” nem como uma coisa da qual conheces a espécie ou gênero, nem por meio de outra semelhança a ele, é evidente que é tudo o contrário. Com efeito, como todo bem, enquanto bem, parece-se com um bem maior, e como dos bens menores remonta-se aos maiores, está claro para qualquer inteligência racional que podemos remontar ao “ser do qual não se pode pensar nada maior”, partindo das coisas acima das quais é possível pensar algo maior. De fato, quem, por exemplo, não conseguiria pensar, ao menos, que – existindo um ser, ou bem, que tem princípio e fim –, embora não acredite em sua existência real, melhor do que ele é o bem que, se tem princípio, não tem fim? E que, melhor que este, é o bem que não possui nem princípio nem fim, apesar de mudar, fluindo sempre do passado para o futuro através do presente, e possa ou não possa existir? E que, melhor ainda que este terceiro, é todavia aquele ser que, de maneira nenhuma, precisa ou é obrigado a mudar ou alterar-se?

Ou será que não é possível imaginar um ser como o último? Ou, quiçá, possa-se pensar algo ainda maior do que ele? Ou será que um ser como este não se encontra entre aqueles dos quais é permitido conceber sempre algo maior, até chegar ao “ser do qual não se pode pensar nada maior”? Há, portanto, um elemento do qual é permitido remontar ao “ser do qual não se pode pensar nada maior”.

É fácil confutar, pois, o insipiente que não admite a autoridade das Sagradas Escrituras, caso negue poder-se chegar ao “ser do qual não se pode pensar nada maior”, partindo de dados reais. Mas se, a negar isso, é um católico, lembre-se, então, que “*as coisas invisíveis de Deus, a sua virtude eterna e a sua divindade podem ser compreendidas através do conhecimento das coisas criadas do universo*” [Rom. 1,20].

9. Mas, ainda que fosse certo que não é possível pensar e compreender “o ser do qual não se pode pensar nada maior”,

certamente não seria, porém, falso que este mesmo ser pode ser pensado e compreendido.

Com efeito, assim como nada impede que se pronuncie a palavra *inefável*, apesar de não podermos expressar o que se designa com *inefável* e, como é possível pensar uma coisa enunciada como *impensável*, embora esta qualificação convenha só a uma coisa que realmente não pode ser pensada; assim, quando se diz: *o ser do qual não se pode pensar nada maior*, não resta dúvida que esta expressão pode ser pensada e compreendida, ainda que não possa ser pensado e compreendido o ser do qual é impossível pensar algo maior. Portanto, supondo que haja alguém tão estulto que negue a existência do “ser do qual não se pode pensar nada maior”, ele, porém, não poderá chegar à impudênciade sustentar que não pensa e não comprehende aquilo que está dizendo. Se houvesse alguém que afirmasse coisa semelhante, deveríamos rechaçar não apenas as suas palavras, mas também a ele pessoalmente.

Quem, pois, nega a existência do “ser do qual não se pode pensar nada maior” comprehende e pensa, sem dúvida, a negação que enuncia. E não pode comprehendê-la ou pensá-la sem os elementos que a compõem, um dos quais é “*o ser do qual não se pode pensar nada maior*”. Assim, quem nega esse ser pensa e comprehende o sentido das palavras: *não se pode pensar nada maior*.

É evidente, porém, que, de maneira semelhante, é possível pensar e conceber aquilo que não pode não existir. Ora, quem pensa aquilo que *não pode* não existir concebe, na verdade, coisa maior do que quem pensa aquilo que *pode* não existir. Conseqüentemente, quando se pensa “*o ser do qual não se pode pensar nada maior*” e, ao mesmo tempo, pensa-se que ele pode não existir, não está sendo pensado *o ser do qual não se pode pensar nada maior*, porque é impossível pensar e não pensar ao mesmo tempo, uma mesma coisa. Por isso, quem pensa “*o ser do qual não se pode pensar nada maior*” não pensa um ser que *pode* não existir, mas o ser que *não pode* não existir. É necessário, portanto, que o ser que ele pensa exista, porque tudo aquilo que pode não existir não é aquilo que ele pensa.

10. Concluindo, julgo que no opúsculo citado mostrei, não com provas fracas, mas com uma argumentação sólida e válida, que existe realmente “*o ser do qual não se pode pensar nada maior*”. E não há nenhuma objeção que possa debilitar a sua firmeza.

Ao contrário. É tão grande a força significativa que essa expressão carrega dentro de si que, logo ao ser pronunciada, comprehende-se e pensa-se verdadeiramente “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, e deduz-se necessariamente a sua existência e obriga a crer que se trata de algo referente à natureza divina. De fato, a respeito da substância divina, nós cremos dever-lhe atribuir tudo aquilo que é absolutamente melhor ser do que não ser, como, por exemplo, ser eterno do que não eterno, ser bom do que não ser bom, ser, aliás, a própria bondade do que não sê-lo. Ora, *o ser do qual não se pode pensar nada maior* não pode não ser todas estas coisas.

É necessário, portanto, concluir que, com a propriedade *o ser do qual não se pode pensar nada maior*, alcançamos a essência divina.

Agradeço-te, por fim, pela tua benignidade, tanto ao repreender como ao elogiar o meu opúsculo. E, como acolheste com tão grandes louvores as partes que te pareceram dignas de consideração, é evidente que, ao criticar as que julgaste fracas, o fizeste com espírito benevolente e não com malevolência.